

Revista Diversidades nº34

REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA - SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO E RECURSOS HUMANOS - DIREÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL E REabilitação
DIREÇÃO DE SERVIÇOS DE APOIO, GESTÃO DE RECURSOS E INVESTIGAÇÃO



A Descoberta dos Talentos

Sobredotação em Debate!
pág. 4 - 24

Atividades de Enriquecimento!
pág. 25

DREER laureada com 1.º Prémio
pág. 39

- 3 Editorial**
- 4 As Dificuldades na Identificação de Talentos e Altas Habilidades**
- 5 O Papel dos Pais e dos Professores no Diagnóstico e Intervenção de Alunos Sobredotados**
- 7 A Vida Emocional e Afetiva dos Alunos Sobredotados**
- 11 As Crianças Sobredotadas:**
Inteligência Emocional e Relações Afetivas
- 14 O Conceito de Emocionalidade na Sobredotação**
- 17 A Criatividade:** Critério (necessário ou suficiente) no Diagnóstico de Sobredotação
- 19 A Intervenção da DREER na Sobredotação:** Presente e Futuro
- 21 O Homem Complexo:** Uma Aproximação Ecodinâmica do Sobredotado no Desporto
- 23 Os Talentos nas Artes Plásticas:** Que Intervenção?
- 25 Desvendar Paixões...**
- 26 Espaço** 
- 27 Legislação**
- 28 Notícias**

Ficha Técnica

Diretora	Maria José de Jesus Camacho
Redação	Serviços da Direção Regional de Educação Especial e Reabilitação e Colaboradores Externos
Revisão	Núcleo de Informação, Multimédia e Informática Esta revista foi redigida ao abrigo do novo acordo ortográfico
Morada	Rua D. João n.º 57 9054-510 Funchal Telefone: 291 705 860 Fax: 291 705 870
E-mail	revistadiversidades@madeira-edu.pt
Grafismo e Paginação	Núcleo de Informação, Multimédia e Informática
ISSN	1646-1819
Impressão	O Liberal, Empresa de Artes Gráficas, Lda.
Tiragem	1000 exemplares
Distribuição	Gratuita
Fotos	Direção Regional de Educação Especial e Reabilitação / Associação Portuguesa de Psicomotricidade / Canarias 7 / Egberto Moreira / Ensino do Futuro - Escolas para o Século XXI / Margarida Pocinho / Sara Bahia



Editorial



Maria José Camacho
Diretora Regional de Educação
Especial e Reabilitação

Nas sociedades multidimensionais em que vivemos, com a novidade disponível ao som de um clique, torna-se imperativo combater a desinformação, os mitos e as ideias erradas que ainda subsistem no campo específico da sobredotação.

Quando empreendemos uma jornada *À descoberta dos talentos* reconhecemos, logo no embarque, que se trata de uma viagem em conjunto, de um percurso moldado pela reflexão e em defesa da diferença, do enaltecimento da nossa existência, potenciada pelos olhares daqueles que nos rodeiam, numa cooperação intrínseca e inevitável.

O conceito de sobredotação não é estanque, nem se esgota na estreiteza da sua definição e aplicação. Em permanente devir, remete-nos para a pluralidade de características e desempenhos duma população ímpar, desafiando-nos a desvendar talentos tão peculiares quanto complexos, inerentes ao ser humano.

Tornemo-nos audazes e acutilantes na recusa da norma e da uniformização suscetíveis de conduzir à artificialidade e à perda de autenticidade. Arrisquemos a apologia das exceções e das excepcionalidades e deixemos fluir a originalidade criativa. Ao *Descobrirmos Talentos*, fortalecemos a nossa intervenção, no sentido de ultrapassar estereótipos sociais e académicos e determinadas atitudes e práticas que condicionam a concretização da inclusão. Para tal, devemos ampliar ideias e conceitos sobre o espírito de variáveis associadas à sobredotação, atendendo a dimensões emocionais e criativas, defendidas e proclamadas pelos mais recentes estudos na área das neurociências.

Vem de longe o trabalho efetuado pela Direção Regional de Educação Especial e Reabilitação no âmbito da sinalização, avaliação e acompanhamento de alunos sobredotados, no apoio às suas famílias e na preparação técnica das equipas, assente na convicção de que a interdisciplinaridade impulsiona práticas apropriadas às características e necessidades desta população.

Hoje, *À Descoberta dos Talentos* disponibiliza aos leitores algumas das comunicações apresentadas no âmbito do Seminário *Sobredotação: Perspetivas, Percursos e Desafios*, organizado pela DREER, em parceria com a CRIAMAR, por reputados especialistas das Universidades do Minho, de Coimbra, de Lisboa e da Madeira, às quais associamos alguns conteúdos relacionados com as boas práticas no domínio da educação especial e reabilitação.

E, para começar da melhor maneira o mês de dezembro, fica o convite: deixem-se envolver e encantar pelas atividades da Semana Regional da Pessoa com Necessidades Especiais, que este ano decorre de 2 a 9 de dezembro, sob o lema *Horizontes de inclusão: Mundo novo a compartilhar!*, apadrinhada pela cantora Vânia Fernandes.

Dezembro encerra, ainda, nos seus dias frios e misteriosos, a época que mais aconchega e aquece os nossos corações - o Natal.

A todos os leitores, os meus sinceros votos de uma época natalícia repleta de alegria, evocações, confiança, sonhos e esperança.

- gifted education. *Gifted Child Quarterly*, 35(1), 26-35.
- Silverman, L. K. (1993). The gifted individual. In L. K. Silverman (Ed.), *Counseling the gifted and talented* (pp. 3-28). Denver: Love.
- Silverman, L. K. (1994). The moral sensitivity of gifted children and the evolution of society. *Roeper Review*, 17, 110-116.
- Silverman, L. K. (2002). Asynchronous development. In M. Neihart, S. M. Reis, N. M. Robinson, & S. M. Moon (Eds.), *The social and emotional development of gifted children* (pp. 31-40). Waco: Pufrock.
- Terrassier, J. C. (1979). Gifted children and psychopathology. The syndrome of dyssynchrony. In J. J. Gallagher (Ed.), *Gifted children: Reaching their potential* (pp. 434-440). Jerusalem: Kollek & Son.
- Terrassier, J. C. (1981). The negative pigmalian effect. In A. H. Kramer (Ed.), *Gifted children: Challenging their potential: New perspectives and alternatives* (pp. 82-84). New York: Trillium.
- Tolan, S. S. (1992). Parents vs. theorists: Dealing with the exceptionally gifted. *Roeper Review*, 15(1), 14-1.
- Webb, J. T. (1993). Nurturing social-emotional development of gifted children. In K. A. Heller, F. J., Mönks, & A. H. Passow (Orgs.), *International handbook of research and development of giftedness and talent* (pp. 525-538). Oxford: Pergamon.

As Crianças Sobredotadas: Inteligência Emocional e Relações Afetivas

**Glória Franco & Maria João Beja - Universidade da Madeira
Adelinda Candeias & Heldemerina Pires - Universidade de Évora**

Os estudos da Associação Nacional para Crianças Sobredotadas e do Centro de Pesquisa para Sobredotação e Talento (Estados Unidos da América) mostram que os jovens com elevadas habilidades estão geralmente tão bem adaptados como qualquer outra criança (Neihart, Reis, Robinson, & Moon 2002; Reis & Renzulli, 2004). No entanto, estes jovens enfrentam alguns riscos para o seu desenvolvimento social e emocional. Existem três grandes áreas que representam fontes de risco para as crianças sobredotadas ou talentosas: (i) a comparação com os seus pares em assuntos relacionados com os resultados escolares; (ii) respostas psicológicas comuns ao talento como baixo rendimento e perfeccionismo; (iii) a dupla identificação de, por um lado, ter dificuldades escolares ou défice de atenção e, por outro, ter talentos e dons (Candeias, 2005; Neihart et al., 2002; Pérez, 2000; Reis & Renzulli, 2004).

Há poucos anos surgiu na literatura científica um novo construto, inteligência emocional, que tem permitido compreender como se desenvolvem as capacidades de relacionamento social e como as emoções podem contribuir para este desenvolvimento. É à luz deste construto que tentamos compreender como crianças e jovens, sobredotados ou não, percecionam as suas capacidades sociais e emocionais e como as colocam ao serviço da resolução de problemas sociais.

Durante muito tempo, as emoções foram vistas como um bem muitas vezes desnecessário porque saíam do controlo dos indivíduos, como algo incômodo

que seria benéfico eliminar. Os processos emocionais eram vistos como opostos aos processos cognitivos. A visão mais tradicional defendia que os processos emocionais eram bloqueadores dos processos cognitivos, ou seja, que as nossas emoções deturpavam e alteravam as nossas percepções, não permitindo a realização de um bom raciocínio, ou que o nosso pensamento funcionasse normalmente. Por outro lado, os processos cognitivos quando operavam sobre as emoções atuavam no sentido de uma racionalização destas.

No entanto, o que se sabe hoje em dia, fruto dos estudos na área das neurociências (nos quais se enquadram os estudos de António Damásio, 1995, 2000) é que os processos emocionais e cognitivos funcionam em paralelo e em complementaridade, facilitando o funcionamento de cada um deles.

Mayer, DiPaolo e Salovey (1990) definiram, pela

